

Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso

5, Largo de Camões, 6—LISBOA

Afonso Lopes Vieira

Marques (<i>Historia d'um peregrino</i>)—1 volume	400
Poesias Escolhidas—No prelo.	
O Encoberto (<i>Poema</i>)—Em preparação.	
Humilhados—Em preparação.	

Julio Dantas

A Ceia dos Cardeais—7. ^a edição	200
D. Beltrão de Figueirôa	200
Paço de Veiros	300
Um serão nas Laranjeiras	700
O que morreu d'amor—No prelo.	

Léon Tolstoi

Ao Clero—A destruição do inferno e a sua restauração—1 vol.	200
Aos operarios—1 vol.	100
Pão para a bocca—Origem do mal—1 vol.	100
O que é a religião?—1 vol.	200
Razão, fé, oração—Tres cartas—1 vol.	100
Resurreição—1 vol.	600

Max Nordau

A mentira religiosa—1 vol.	100
------------------------------------	-----

Malvert

Sciencia e religião—1 vol. com 156 gravuras	500
---	-----

A Razão de um Padre (<i>O bom senso do cura Meslier</i>)—1 vol.	500
---	-----



A CEIA DOS CARDEAES,

de Julio Dantas, na Allemanha

O illustre dramaturgo, sr. Julio Dantas, acaba de receber na Allemanha uma notavel consagração a proposito da representação em Hamburgo, no Schauspielerhaus, da **Ceia dos Cardeaes**, a deliciosa peça que no nosso theatro D. Amelia teve tão justificado exito.

Creemos que esta é a primeira obra do theatro portuguez que sobe á scena na Allemanha, e por tal motivo devem congratular-se com o facto quantos estimam que o nome de Portugal seja lisonjeiramente conhecido e apreciado no estrangeiro.

A nossa litteratura contemporanea pôde, pois, considerar-se honrada com esta prova de consideração que lhe é dada na pessoa de um dos seus mais delicados cultores.

A titulo de curiosidade transcrevemos em seguida um trecho da carta que o traductor da peça dirigiu ao auctor, sr. Julio Dantas, e da noticia a tal respeito publicada no *Neven Hamburger Zeitung*, de 11 do corrente.

Escreve o traductor:

«A decoração foi rica e bella: uma sala em estylo *renaissance*, tapeçarias em *fleurs de lis*, ricos gobelins, chaminés douradas, moveis valiosos e authenticos, como tambem os trajos e tudo o mais. As capas forradas de arminho, as mascaras (caracterisações) muito boas; a de Montmorency copiava Mazarin. O Sèvres era legitimo e representava um valor de 800 marcos; os cardeaes comiam verdadeiro faizão e bebiam verdadeiro Xerez e Champagne. Linda a scena do minucete, que se tocava n'um cravo antigo hollandez, como se prescreve. Tirou-se a photographia no ensaio geral. Se me fór possivel arranjar-a, mandar-lh'a-hei.»

Do *Neven Hamburger Zeitung*, traduzimos os seguintes periodos:

«... a orchestra toca Bach e a um signal da campanha levanta-se o panno: é a **Ceia dos Cardeaes**, de Julio Dantas.

Este pequeno acto, unico portuguez allemanisado por Luise Ey, é fino e delicado como a propria filigrana portugueza. Escripto em alexandrinos rimados (*sic*) respira todo elle o tom sentimental, galante e precioso do *Rococo*. Esta finura de sentimento e de fórma é o seu encanto essencial. É uma improvisação lançada com mão ligeira; apenas uma folha de papel, — mas cahida da banca de um verdadeiro poeta.

N'uma sala do Vaticano, reunidos para a refeição da noite, tres velhos cardeaes trocam as suas recordações de mocidade e de amor. O hespanhol conta uma aventura com raptó e combate contra um numero immenso de raptóres; para elle o amor é a bravura. O francez refere como durante um minucete que dançava conduziu á capitulação uma bella resistente; para elle o amor é o espirito. Mas o portuguez, chorando lagrimas amargas, confessa que se fez cardeal, porque Deus lhe levou uma pobre creança que elle amava desde a sua primeira mocidade. Dizem então os outros dois: foi elle o unico que soube o que era o amor!

Assim acaba a pequenina peça, fina, curta e encantadora. Os actores Marx, Nil e Montor, — especialmente Marx (cardeal de Castro), — incarnaram no theatro o seu encanto indefinivel.»

(Diario de Noticias, de 1 de março de 1904).

À GENTE NOVA

PEDRO KROPOTKINE

À GENTE NOVA

VERSÃO DE

AFFONSO LOPES-VIEIRA



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5, Largo de Camões, 6
1904



01699

É a gente nova que eu hoje quero falar.

Que os velhos, — os velhos de coração e de espirito, — ponham de parte, pois, esta brochura, para não fatigarem inutilmente os olhos com uma leitura que nada lhes dirá.

Supponho que vos aproximaes dos dezoito ou vinte annos; que acabastes agora a vossa aprendizagem ou os vossos estudos; que ides entrar na vida. Tendes, creio eu, o espirito desembaraçado das superstições que procuraram incutir-vos: não temeis o diabo e não ides ouvir curas e pastores. Sobretudo, não sois janotas, tristes productos de uma sociedade moribunda, que passeiam nas ruas as suas calças á moda e as suas faces de macacos, e que nesta idade não teem já senão appetites de gozo, custe o que custar...; acredito, pelo contrario, que tendes o coração muito no seu lugar, e eis porque vos falo.

Uma pergunta, sei-o bem, a vós proprios' fazeis:

— Que vou eu ser?

Com effeito, quando se é moço compreende-

se que depois de ter aprendido um officio ou uma sciencia durante alguns annos—à custa da sociedade, notae-o bem—não é para os converter em instrumentos de exploração. E seria preciso ser muito depravado e roido de vicio, para jámais ter sonhado em applicar um dia a sua intelligencia, as suas capacidades, o seu saber, em ajudar a redenção d'aquelles que hoje patinham na miseria ou na ignorancia. Sois dos que o teem sonhado, não é assim? Pois bem, vejamos: que ides fazer para que o sonho seja realidade?

Não sei em que condições nascestes. Talvez, favorecido pela sorte, estudasseis sciencias; é num medico, num advogado, num homem de letras ou de sciencia que vos ides tornar; um largo campo de acção abre-se diante de vós; entraes na vida dispondo de vastos conhecimentos, de aptidões educadas; ou, então, sois um operario honrado, cujos conhecimentos scientificos se limitam ao pouco que na escola vos ensinaram, mas tendo a vantagem de conhecer de perto o que é a vida de aspera canseira que o trabalhador do nosso tempo leva. Vamos ao primeiro caso, para irmos depois ao segundo; supponhâmos que recebestes uma educação scientifica e que ides ser, por exemplo, medico. Amanhã, um homem sem gravata virá chamar-vos

para vêr uma doente. Levar-vos-á a um d'esses bêccos aonde os vizinhos, estendendo os braços, quasi apertam as mãos por cima de quem passa; subireis, respirando um ar corru-to, dois, tres, quatro, cinco andares infectos, e num quartinho sombrio e frio encontrareis a doente, deitada n'uma enxerga, coberta de trapos.

Criancinhas amarelas, tiritando, olhar-vos-ão com olhos espantados. O marido trabalhou toda a sua vida doze e treze horas por dia em qualquer officio: agora ha tres mezes que não tem trabalho. Não ter trabalho não é raro no seu officio; repete-se periodicamente em cada anno; mas de antes era a mulher que ia trabalhar, que ajudava a familia,—e agora a mulher caiu de cama, e a miseria entrou nesta casa. Que receitareis á doente, senhor doutor? Vós que tereis adivinhado logo que a causa da molestia é uma anemia profunda, falta de bom ar, de boa comida?—Um bom bife por dia? Movimento ao ar livre? Um quarto agasalhado e bem arejado? Que ironia! Se ella pudesse, não precisaria das vossas receitas.

Se tendes bom coração, bons modos e a puzerdes á vontade, esta familia contar-vos-á muitas coisas. Dir-vos-á que essa mulher que tosse do outro lado do tabique, é uma pobre costureira; que a engommadeira do rés-do-chão não chegará tambem á primavera, e que no pre-

dio do lado é tudo ainda peor... Mas que direis a estes enfermos todos?—Boa alimentação, mudança de ares, menos cansaiva? Bem lh'o quizeréis poder dizer, mas não ousaes, e sahireis com os olhos molhados e com pragas na boca!

No dia seguinte heis de pensar nos inquietos d'aquelle prédio, quando um vosso collega contar que um criado o fôra na vespera chamar, de carruagem. Era para uma senhora rica, que môra num bello palacio, e passa todo o seu tempo a pensar em vestidos, em bailes, em visitas. Como ella se queixasse de que não podia dormir, esse collega aconselhou-lhe uma vida menos inutil, uma alimentação mais simples, passeios ao ar livre e um pouco de gymnastica de quarto para substituir, até certo ponto, o trabalho productivo!

Aquella morre porque, durante toda a sua vida, nunca comeu o que precisava nem descansou o que devia; a outra adoecce porque nunca, desde que nasceu, soube o que era trabalhar... Se a vossa natureza é d'essas naturezas covardes que a tudo se afazem, que em presença dos factos mais revoltantes se limitam a encolher os hombros ou a suspirar, estes contrastes não vos irão direitos ao coração e á intelligencia, e tratareis de arrancar com quem goza, para vos não achardes entre os outros, os miseraveis. Mas se sois um *homem*, se cada sentimento se traduz em vós por um acto de vontade, se o

animal não matou no vosso ser a parte intelligente, então pensareis:

—Não: é injusto! não pôde continuar assim. Não se trata de curar doenças: é preciso evitá-las. E um pouco de bem-estar e de desenvolvimento intellectual bastariam para evitar metade das molestias que conhecemos. Para que servem remedios? Ar, boa alimentação, menos cansaiva,—é por onde se deve começar. Sem isso, ser medico não é mais que andar a fingir e a enganar.

Nesse dia comprehendereis o socialismo. Quereis conhecê-lo de perto, e se o altruismo não é para vós uma vã palavra, se applicardes ao estudo da questão social a severa indução do naturalista, acabareis por vir para as nossas fileiras e comnosco trabalhareis pela revolução social.

Mas direis talvez: «Nós, como o astrónomo, o fisico, o quimico, consagramo-nos á sciencia pura. Ella dará os seus frutos, quanto mais não seja para as gerações futuras!»

Tratemos de saber primeiro o que procuraes na sciencia. Apenas é o prazer—de certo immenso—que nos dá o estudo dos mysterios da natureza e o exercicio das nossas faculdades intellectuaes? Nesse caso perguntar-vos-ei em que differe o sabio que cultiva a sciencia do bebedor

que não procura tambem na vida senão o prazer que lhe dá o vinho? O sabio escolheu, é certo, prazer mais limpo, —mas mais nada! Um e outro, sabio e bebedor, teem o mesmo fim egoista: o prazer pessoal. Mas não: não quereis essa vida de egoista. Trabalhando pela sciencia, realmente trabalhaes pela humanidade, e é este o nobre fim que vos anima e guia.

Bella illusão! E qual de vós a não acariciou, quando á sciencia se dedicou um dia? Mas considera: se realmente trabalhaes pela humanidade, se nella é que pensaes através os estudos, uma objeção formidavel ergue-se diante de vós: —por pouco justo que o vosso espirito seja, immediatamente notareis que na sociedade actual a sciencia não é mais do que um objecto de luxo, que serve para tornar mais agradável a vida d'alguns e fica absolutamente inacessivel á quasi totalidade dos homens. Com effeito, ha mais de um seculo que a sciencia estabeleceu noções cosmogonicas sãs; e entretanto, quantos possuem ou adquiriram um espirito de critica realmente scientifico? Apenas alguns milhares, que se perdem no meio das centenas de milhares que ainda professam superstições ou prejuizos dignos de selvagens, expostos, por consequencia, a serem joguetes dos impostores religiosos. Ou, então, considera apenas o que a sciencia tem feito para elaborar as bases racionais da hygiene fisica e moral. Ella ensina-

nos a maneira de conservarmos a saude do corpo, e de como manter em boas condições as agglomerações de população: indica-nos o caminho da felicidade intellectual e moral. Mas por ventura todo o immenso trabalho realizado não é letra morta nos nossos livros? E por que? —Porque a sciencia, hoje, é feita apenas para uma mancheia de privilegiados, pois que a desigualdade social, que divide a sociedade em duas classes: a dos explorados e a dos exploradores, faz de todos os ensinamentos sobre as condições da vida racional como que um escarneo para os nove decimos da humanidade. Poderia citar muitos exemplos, mas isto basta: sahí do gabinete do Doutor Fausto, cujos vitraes empoeirados mal deixam penetrar até os livros a luz do sol, e olhae á vossa roda: a cada passo encontrareis provas que demonstram o que digo. O momento não é proprio para accumular as verdades scientificas e as descobertas. Trata-se mas é de espalhar as verdades adquiridas pela sciencia, de as fazer realisar na vida, tornando-as um dominio commum. Necessario é que todos, a humanidade inteira, sejam capazes de as assimilar, de as applicar: que a sciencia deixe de ser um luxo, que pelo contrario seja a base da vida de todos. A justiça assim o quer. Direi mais: é no proprio interesse da sciencia que tem de ser assim. A sciencia não faz progressos reaes senão quando uma verdade nova

encontra um meio preparado para recebê-la. A teoria da origem mecânica do calor, enunciada no século passado quasi nos mesmos termos em que a enunciam Hirn e Clausius, ficou esquecida nas memorias academicas até que os conhecimentos fisicos, sufficientemente espalhados, criaram um meio capaz de a aceitar. Foi necessario que tres gerações se succedessem para que as ideias de Erasmo Darwin sobre a variabilidade das especies fossem acolhidas favoravelmente pelo seu proprio neto e admittidas pelos *sabios* academicos, não sem pressão, é certo, da opinião publica. O sabio, como o poeta ou o artista, é sempre o producto da sociedade em que se move e trabalha.

Mas se vos possuis d'estas ideias, antes de mais nada comprehendereis que é urgente produzir uma modificação profunda no estado de coisas que condena hoje o sabio a faltar-se de verdades scientificas, e a quasi totalidade dos seres humanos a ser o que eram ha cinco ou dez seculos: escravos ou maquinas, incapazes de assimilar as verdades estabelecidas. E no dia em que vos convencerdes d'esta ideia, larga, humanitaria e profundamente scientifica, n'esse dia perdereis o gosto pela sciencia pura. Haveis de procurar os meios de operar esta

transformação, e se nestas investigações vos guiar a imparcialidade que vos guiou nas investigações scientificas, necessariamente adoptareis a causa do socialismo: deixareis os sofismas aos sofistas e vireis arrancar comnosco. E estae certos que, então, a consciencia do dever cumprido e o real accordo estabelecido entre os vossos sentimentos e acções, vos darão forças de que até ali nem tinheis mesmo suspeitado a existencia. E quando, um dia,— que não vem longe, em que pese aos vossos mestres,— quando um dia se operar a modificação pela qual trabalhaes, então, haurindo forças novas no trabalho scientifico colectivo e no concurso poderoso dos exercitos de trabalhadores que virão pôr as forças d'elles ao seu serviço, a sciencia ganhará um novo impulso, perante o qual os lentos progressos actuaes parecerão simples exercicios de estudantes.

Gozae então a sciencia: esse prazer será para todos!

II

C.D.H.S. - A.E.P.
Barcelona

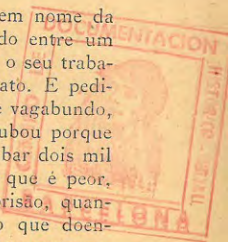
Se acabastes um curso em direito e vos preparaes para o tribunal, pôde ser que tambem vos tenhaes criado illusões com respeito á vossa actividade futura; — eu admitto sempre que sois

dos melhores, dos capazes de altruismo! E pensareis talvez: «Consagrar a vida a uma luta sem treguas contra todas as injustiças! Aplicar-se a gente constantemente a fazer triunfar a lei, expressão da justiça suprema! Que vocação poderia ser mais bella?»

Pois bem: abramos ao acaso a chronica judiciaria e vejamos o que a sociedade nos vai dizer. Aqui está um rico proprietario, que pede a expulsão de um rendeiro que não paga a renda contratada. Sob o ponto de vista legal, não ha hesitação possível: se o rendeiro não paga, que se retire. Mas se analisarmos os factos, sabemos que esse proprietario tem estragado sempre os seus rendimentos em pandegas divertidas, enquanto esse rendeiro trabalhava. O proprietario nada fez para melhorar as suas terras e, apesar d'isso, o valor d'ellas triplicou em cincoenta annos, graças á valorisação dada ao sólo por um traçado de linha ferrea, por novas estradas circunvizinhas, pelo esgotamento dos pantanos, pela cultura das encostas bravas; e o rendeiro que contribuiu com uma grande parte para a valorisação d'essas terras, arruinou-se, cahido nas mãos dos homens de negocios, comido de dividas, e não pôde mais pagar áquelle proprietario. A lei, sempre do lado do proprietario, é formal: dá razão ao proprietario. Mas vós, em quem as ficções juridicas não mataram ainda o sentimento da justiça, que fareis? Pedireis

que se ponha fóra o rendeiro, — como a lei ordena, — ou então que o proprietario restitua ao rendeiro toda a parte da valorisação que ao trabalho d'este se deve? — é a equidade que volda. De que lado estareis? pela lei, contra a justiça? ou pela justiça, mas então contra a lei? E quando os operarios fazem grève contra os patrões, sem os prevenir quinze dias antes, de que lado estareis? Do lado da lei, quer dizer, do do patrão, que, aproveitando commercialmente uma crise, auferia lucros escandalosos, ou ao lado dos trabalhadores, — contra a lei, — que ganhavam alguns tostões por dia e viam morrer-lhes as mulheres e os filhos?

Não. Certamente sustentareis, em nome da equidade, que um contrato concluido entre um que jantou bem e outro que vende o seu trabalho para comer — não é um contrato. E pedireis a applicação da lei contra este vagabundo, grotesco desde a infancia, que roubou porque tinha fome ou que matou para roubar dois mil réis? Quereréis que o matem ou, o que é peor, que o mettam vinte annos numa prisão, quando sabeis que é menos criminoso que doente e que, em todo o caso, o seu crime recae sobre a sociedade? Não, cem vezes não. Se *racionaes*, em vez de repetir o que vos ensinaram; se analysaes e destrinçaes na lei estas ficções que desde a sua origem a envolvem, — tereis por esta lei um desprezo absoluto. Compreendereis que



ser-se escravo da lei escrita, que é o direito do mais forte e a consagração de todas as oppresões conhecidas na historia sangrenta da humanidade, é estar em opposição com a lei da consciencia e negociar com ella: e ou tranzigis, e sereis um patife, ou tereis de romper com a tradição e vireis trabalhar comnosco na abolição de todas as injustiças: economicas, politicas e sociaes.

E vós, moço engenheiro, que sonhaes com amelhorar, por meio de applicações da sciencia á industria, a sorte dos trabalhadores, que triste desencanto vos espera, que desillusões! Se empregaes a energia juvenil da intelligencia na elaboração d'um projecto de via ferrea que, serpenteando á beira de precipicios e furando as massas de granito, irá approximar dois paizes apartados pela natureza, — vereis nos trabalhos, por exemplo, d'este tunel sombrio, batalhões tragicos de operarios, dizimados pelas privações e pelas molestias; vereis outros partir, levando alguns tostões e o germen da tísica; vereis cadaveres humanos, — resultado de uma avareza crapulosa, — marcar cada metro construido da nova via e, terminada ella, vereis emfim que construistes um caminho aberto aos canhões dos invasores... Dedicastes a vossa mocidade a um trabalho que devia simplificar

a produção e, depois de tantos esforços, de tantas noites em claro estudando e pensando, eis-vos emfim na posse da descoberta inestimavel! Quando a applicaes, o resultado excede as vossas esperanças. — Dez mil, vinte mil operarios serão postos na rua! Os que ficam, crianças quasi todos, reduzem-nos á condição de maquinas! — Tres, quatro, dez patrões enriqueceram...

Era isto que havieis sonhado? Emfim, se estudardes os recentes progressos industriaes, vereis que a costureira nada lucrou com a descoberta da maquina de costura; que o operario do Gothard morre de ankilostomazia e que o pedreiro e o jornaleiro erram sem trabalho, como d'antes, ao pé dos ascensores Giffard; — e se discutis os problemas sociaes com a independencia de espirito que vos guiou nos estudos tecnicos, chegareis forçosamente á conclusão de que, sob o regimen da propriedade privada e do salariado, cada nova descoberta, em vez de aumentar o bem-estar do trabalhador, não faz senão tornar-lhe a canseira mais rude, a escravidão mais negra, as crises mais agudas, os periodos sem-trabalho mais frequentes, e que os que já teem por si bem-estares e alegrias, é quem tudo goza e tudo frue. Então direis:

— O momento não é proprio para fazer descobertas! Trabalhemos, primeiro, na transformação do regimen da produção; quando a propriedade individual for abolida, cada novo progresso

industrial far-se-á em beneficio de toda a humanidade, e a immensa multidão de trabalhadores,—maquinas hoje,—seres pensantes então,—applicando á industria a propria intuição regida pelo estudo e educada pelo trabalho manual, dará ao progresso tecnico um impulso cujos effeitos maravilhosos nós hoje nem podemos prevêr.

E vós, moço artista, escultor, pintor, musico, poeta, não notaes que vos falta o fogo sagrado que inspirou os vossos predecessores, que a arte é banal, que a mediocridade reina? A alegria de recuperar o mundo antigo, de se desседentar nas fontes da natureza, que criou as obras primas da Renascença, não existe para a arte contemporanea; a ideia revolucionaria, com excepções já hoje, tem-na deixado fria e, na ausencia da ideia, a arte julgou encontrar uma no realismo, e eil-a que se põe a fotografar uma gotta de orvalho n'uma folha de rosa, ou a musculatura de uma vacca, ou a pintar minuciosamente a lama de uma sarjeta ou o toucador de uma mulher da moda!

Mas se o vosso coração bate em unisono com o coração da humanidade, se a vossa commoção é a de um verdadeiro poeta, se o vosso ouvido sabe ouvir a Vida, então, em presença do mar de Dôr cuja maré tragica sobe á vossa

ilharga, diante dos povos morrendo de fome, dos cadaveres empilhados nas minas e dos corpos mutilados ao pé das barricadas; diante dos comboios de exilados que vão a enterrar nas neves da Siberia ou nas praias das ilhas tropicaes; diante da luta suprema—cujo desafio está lançado; dos ralos dos vencidos e das orgias dos vencedores; do heroismo a debater-se, do nobre esforço que a maldade trava,—não podereis vós outros ficar neutros: poreis a vossa arte ao serviço da causa que combate pela harmonia, contra a oppressão: porque a Belleza e a propria Vida estão do lado d'aquelles que lutam pela luz, pela justiça, pela humanidade!

Emfim dizeis:

—Mas se a sciencia abstracta é um luxo é a pratica da medicina um engano; se a lei é uma injustiça e a descoberta tecnica um instrumento de exploração; se a arte, sem que a ideia revolucionaria a inspire, ha de degenerar,— que se ha de então fazer? Respondo-vos:

—Um immenso trabalho, mais attraente que nenhum outro, dentro do qual os actos praticados estarão em perfeito accordo com a consciencia, um trabalho magnifico capaz de entusiasmar as naturezas mais vigorosas e nobres.

Que trabalho? Vou dizê-lo.

III

«—Ou tranzigir continuamente com a propria consciencia e acabar um dia por dizer: «Aconteça o que acontecer, o que eu quero é gozar todos os meus prazeres e aproveitar-me de que o povo seja tolo para me deixar gozal-os.» Ou então arranchar com os socialistas e trabalhar com elles na transformação completa da sociedade.»

Tal é a consequencia forçada da analyse que temos feito atéqui. Tal será sempre a conclusão logica a que todo o sêr intelligente chegará, desde que honestamente raciocine, liberto dos sofismas que a educação burgueza lhe ensinou. Adquirida esta convicção; a resposta à pergunta «que fazer?» impõe-se ao espirito. É facil responder. Sômente, sahi do meio aonde estaes e aonde é costume dizer-se que o povo é uma sucia de brutos; vinde, pois, para elle—e essa resposta surgirá por si. Vereis que por toda a parte, em França como na Allemanha, na Italia como nos Estados-Unidos, por toda a parte onde ha privilegiados e opprimidos, se opéra no seio do povo um trabalho gigantesco, cujo fim é destruir para sempre as servidões impostas

pelo feudalismo capitalista, e lançar os fundamentos d'uma sociedade nova, estabelecida em bases de igualdade e justiça.

Não basta ao povo de hoje exhalar seus queixumes por uma das canções cuja melodia vos fazia chorar, que os servos do seculo dezoito cantavam e que ainda hoje canta o camponez slavo; o povo trabalha com consciencia contra todos os obstaculos, para obter a sua redenção. Revolve no pensamento os meios de tornar a vida alguma coisa de melhor que a maldição que hoje é para tres quartos da humanidade, tornando-a felicidade para todos. Aborda os problemas mais arduos da sociologia e busca resolvel-os com o seu bom senso, o seu espirito de observação, a sua cruel experiencia. Para se entender com outros miseraveis como elle, agrupa-se e organiza-se. Constitue-se em sociedades penosamente sustentadas por meio de cotisaçãoezinhas; faz por se ouvir por cima das fronteiras e, melhor do que os filantropos retóricos, prepara os dias em que as guerras entre povos serão impossiveis. Para saber o que fazem seus irmãos, para os conhecer melhor, para elaborar ideias e propagal-as, elle mantem—mas á custa de quantos sacrificios, de quantas privações!—a sua imprensa operaria.

Que serie continua de esforços! Que luta incessante! Que trabalho, constantemente recommçado, já para encher os logares dos que de-

sertaram por cansaço ou por corrupção, já para reconstituir as fileiras dizimadas pela fuzilaria! Esses jornaes são criados por homens que tiveram de roubar á sociedade migalhas de instrução, privando-se do pão e do sono; a agitação é mantida por poucos cobres, tirados ao estritamente necessario, muitas vezes ao pão negro; e, tudo isto, debaixo da apreensão constante de vêr um dia a familia reduzida á miseria, se o patrão se apercebe de que o «seu operario» trabalha pelo socialismo!

Eis o que vereis, vindo até o povo.

E, depois d'isto, perguntaes ainda: «Que se ha de fazer?» quando tudo está por fazer, quando toda uma geração de criaturas novas acharia em que empregar a força das suas moças energias, das suas intelligencias, das suas aptidões, para ajudar o povo na tarefa immensa que elle empreendeu?

Vós, amadores da sciencia pura, se adoptastes os principios sociaes, se avaliastes, todo o alcance da revolução que se annuncia, não notaes que toda a sciencia está para refazer, que se trata de realisar neste campo uma revolução cuja importancia ultrapassará em muito a que no seculo dezoito se operou nas sciencias? Não vêdes que a historia—hoje fabula convencional

sobre a grandeza dos reis, dos grandes senhores e dos parlamentos—está toda para refundir sob o ponto de vista popular, sob o ponto de vista do trabalho que as multidões realisaram nas evoluções da humanidade? Que a economia social—hoje consagração da exploração capitalista—está toda para elaborar de novo, tanto nos seus principios fundamentaes, como nas suas inumeraveis applicações? Que a sociologia, a antropologia, a etica, precisam de ser completamente retocadas e que as proprias sciencias naturaes, orientadas num sentido novo, devem soffrer uma modificação profunda quanto á maneira de conceber os fenomenos naturaes e ao metodo de exposição? Fazei-o, então! Servi a boa causa. Mas sobretudo ajudae-nos, com logica cerrada, a combater os prejuizos seculares, a elaborar por sintese as bases de uma organização superior; ensinae-nos a applicar aos nossos raciocinios o alcance da verdadeira investigação scientifica. Vós, medico, a quem uma experiencia aspera ensinou a abraçar o socialismo, não deixeis de dizer, hoje, amanhã, em cada dia e em cada occasião, que a humanidade caminha para a degenerescencia se continuar nas condições actuaes de vida e de trabalho; que as drogas serão impotentes contra as doenças, enquanto noventa e nove decimos da humanidade vegetarem em condições absolutamente condenadas pela sciencia; que são as cau-

sas das doenças que devem ser eliminadas, e dei o que é preciso para eliminar essas causas. Vinde com o vosso escalpelo dissecar com mão firme esta sociedade em via de decomposição, dizer-nos que devia e podia estabelecer-se uma existência racional e, como verdadeiro cirurgião, repetir-nos que se não hesita perante a supressão de um membro gangrenado quando elle pôde infectar todo um corpo. Vós, os que trabalhaes nas applicações da sciencia á industria, francamente contae qual foi o resultado das vossas descobertas: fazei entrever, aos que ainda não ousam lançar-se heroicamente para o futuro, o que o saber já adquirido comporta de novas invenções, o que a industria poderia ser em condições melhores, o que o homem poderia produzir se sempre produzisse com o fim de aumentar a sua produção. Levae, pois, ao povo o concurso da propria intuição, do espirito pratico e do talento de organisação, em vez de com elles servirdes os exploradores.

Vós, poetas, pintores, musicos, esculptores, se comprehendestes a propria missão e a da vossa arte, ponde ao serviço da revolução as pennas, os pinceis, os cinzeis,—a inspiração. Contae-nos, em paginas vividas ou em telas intensas, as lutas titanicas dos povos contra os seus oppressores; inflamae os moços corações com o bello sópro revolucionario que inspirou os nossos antepassados; dei á mulher como a

actividade do seu marido será bella se elle dêr a vida á causa da emancipação social. Mostrae ao povo o que ha de feio na vida de hoje, e collocae os seus dedos anciosos nas causas de cada horror; affirmae que uma vida racional seria possivel se a cada passo a não tolhêssem as ineptias e as ignominias da ordem actual.

Emfim, vós todos que possuís talentos, conhecimentos uteis e honestos, vinde, mais as vossas mulheres, pô-los ao serviço de quem d'elles precisa tanto. E sabeí que se vierdes, não como senhores mas como irmãos; não para governar mas para cooperar; menos para ensinar do que para entender a aspiração das multidões obscuras, para as sintetisar e para as formular, para depois, trabalhando com ardor juvenil, as fazer realisar na vida,—sabeí que então, mas apenas então, vivereis uma vida bella e racional, e que o sentimento de accordo estabelecido entre a consciencia e a acção, vos dará forças de que nem tinheis mesmo suspeitado. A luta pela verdade, pela justiça, pela igualdade,—que achareis de melhor na vida?

IV

C. D. H. S. - A. E. P

Barcelona.

Precisei de tres longos capitulos para demonstrar á gente nova das classes dominantes que, diante do dilêma que lhe impõe a vida,

será forçada, se fôr corajosa e sincera, a abraçar a causa da emancipação social. Todavia, esta verdade é simples! Mas, falando aos que sofreram a influencia do meio burguez, quantos sofismas não ha a combater, e quantos preconceitos a vencer! e quantas objeções a desbaratar!

Serei menos extenso para falar-vos hoje, moços do povó. A propria força das coisas obriga-vos a tornar-vos socialistas, por pouco que tereis a coragem de o pensar: com effeito, o socialismo moderno foi do proprio povo que sahiu. Se alguns pensadores, vindos da burguezia, lhe trouxeram a sanção da sciencia e o apoio da philosophia, o fundo das ideias enunciadas é um producto do espirito collectivo do povo trabalhador. O socialismo racional da Internacional, que hoje é a nossa melhor força, por acaso não foi elaborado nas organizações operarias, sob a influencia directa das multidões? E os escritores que deram o seu concurso a este trabalho de elaboração, outra coisa fizeram que não fosse achar a fórmula das aspirações dos trabalhadores?

Sahir do povo trabalhador e não se votar á victoria do socialismo, é pois desconhecer os proprios interesses e renegar a propria causa e a sua missão historica.

Lembraes-vos do tempo em que, ainda petiz, vinheis brincar na vossa ruazinha pobre? O frio mordia-vos através o fatinho ligeiro, e quando viciis passar ao longe uns meninos gorduchos, tão bem vestidos e tão bem tratados, já sabieis muito bem, e os vossos companheiros, que elles não eram mais que vós nem pela intelligencia, nem pelo bom senso, nem pela energia. Mas, mais tarde, emquanto viestes metter-vos numa escura officina, para durante doze horas em cada dia seguir os movimentos de uma maquina, — maquinas vós mesmos, — dia a dia espiando e escutando o seu mover e ranger, — durante esse tempo iam elles, os outros, tranquillamente instruir-se nos collegios, nas bellas escolas, nas universidades. E agora, esses mesmos individuos, menos intelligentes mas mais instruidos que vós, vão tornar-se os vossos chefes, vão gozar as satisfações da vida, todos os confortos da civilisação — e vós? que vos espera?

Entrareis numa alcôva escura e humida, aonde, ás vezes, cinco e seis seres humanos se amontoam no espaço de alguns metros quadrados; aonde a vossa pobre mãe, tão cansada e envelhecida mais p'las ralações que pela idade, vos dá por alimento um bocado de pão, algumas batatas e um liquido pardo chamado café; e aonde, por unica distração, todos os dias tendes de pensar como se ha de amanhã pagar o pão e depois a renda da casa!

Pòde ser que vos resigneis; que não queiraes pensar em que trabalhaes toda a vida para dar a alguns todos os bem-estares do saber e da arte e que, não vendo melhor sahida, digaes assim: «Muitas gerações padeceram a mesma sorte, e nós temos naturalmente de soffrel-a tambem!» Mas então a propria vida se encarregará de esclarecer-vos. Um dia rebenta uma crise, uma d'essas crises que destroem uma industria, e de que resulta a miseria e a agonia de muitas familias. Lutareis, como os outros, contra a calamidade. Mas ireis vendo, pouco e pouco, como a vossa mulher, filhos vossos e amigos, succumbem ás privações, emagrecem a olhos vistos e, á falta de alimentos e de cuidados, acabam por se pôr a morrer n'uma enxerga, — emquanto a vida, fóra, pela cidade que se não importa, continua a ser bella e a ser feliz. Logo então comprehendereis o que nesta sociedade ha de injusto e de mau e, indagando as causas da crise, medireis todo o horror da iniquidade que expõe milhares de criaturas á cubiça de alguns ociosos: e sereis socialistas, e haveis de dar-nos razão quando dizemos que esta sociedade pòde e deve ser modificada, d'alto a baixo, na abolição de todas as escravaturas: economicas, politicas e sociaes.

Um dia contam-vos a historia d'aquella rapariga que conhecestes de antes, e que tinha um andar tão airoso e uns olhos tão bonitos.

Apertada pela miseria, deixou a sua aldeia e veio p'ra a cidade. Ahí sabia ella que tinha de trabalhar muito, mas que, emfim, sempre acharia onde ganhar o pão. Pois agora contaram-vos o que foi feito d'ella. Namorada pelo filho de um rico, deixou-se enganar e amou-o, — para se achar, passado um anno, abandonada com um filho nos braços. Sempre corajosa, lutou e trabalhou; mas succumbiu na luta desigual contra o frio e a fome, e lá foi acabar não se sabe em que hospital... Que fareis? ou dizeis estas palavras estupidas: «Não foi a primeira nem a ultima» e um dia, na taberna, offendereis a memoria da pobre sacrificada, — ou, se a sua historia vos indignou, ireis lançar á cara do bandalho que a seduziu a infamia do seu crime. E então mais uma vez comprehendereis que estas e outras coisas, que todos os dias se repetem, não acabarão emquanto a sociedade estiver dividida em duas classes: os miseraveis de um lado, e do outro os ociosos, os pandegos de bellas palavras e de appetites brutas. E, de uma vez para sempre, vireis para nós.

C. D. H. S. - A. E. P.

E vós, mulheres do povo, quando embalaeis os vossos queridos filhos, não pensareis na sorte que os espera se tudo isto não mudar? Quereis que os vossos filhos vegetem, como os

vossos paes vegetaram, sem outro cuidado senão o de ganhar o pão e sem mais alegria senão a de ir para a taberna? Quereis que o vosso homem, o vosso irmão, estejam sempre á mercê de quem tenha dinheiro para explorá-los?

Não, não pôde ser! Eu bem sei que o sangue vos ferve quando vêdes que os vossos maridos, depois de fazerem uma grêve, acabam por acceitar as condições ditadas de alto pelo patrão d'elles! Eu sei que admiraes essas mulheres espanholas que, em dias de revolta, vão pôr os peitos nus na ponta das baionetas. E sei como os vossos corações batiam a par com os das mulheres do povo de Paris, quando estas, sob o fogo das peças, animavam os *seus homens* ao heroismo. E porque o sei, espero que tambem vos juntareis aos que trabalham na conquista do futuro.

Vós todos, gente moça e sincera, homens e mulheres, cavadores, operarios, empregados e soldados, compreendeis os vossos direitos e vireis trabalhar connosco pela revolução que ha de emfim estabelecer na terra a verdadeira Igualdade, a verdadeira Liberdade; o trabalho para todos, a ordem no mundo, e para todos o completo gozo de todas as suas faculdades: a vida humanitaria, racional e feliz.

Somos poucos? Contemo-nos e vejamos quantos soffremos a injustiça.

Cavadores que trabalhamos para os mais e comemos aveia para lhes dar o pão, somos milhões de homens.

Operarios que tecemos a seda e o velludo para andarmos vestidos de farrapos, somos multidões tambem.

Soldados que recebemos as balas para que os officiaes recebam as commendas, — pobres tolos que temos até hoje fuzilado os nossos irmãos, — bastará que voltemos as caras para que tremam os que nos commandam. Somos, emfim, a multidão immensa, um grande mar que pôde ingulir tudo.

Basta vontade, p'ra que justiça seja feita.

C.D.H.S. - A.E.P
Barcelona

Tolstói, que depois da *Resurreição*, tomou no coração humano o lugar dos santos, jámais oseveveu pagina que não perfumasse com o seu integro caracter moral e intellectual de escriptor evangelista.

A **Felicidade Conjugal**, não obstante ser uma das suas primeiras obras, traz já a elevação rigorosa que apparece mais tarde aggravada e ensanguentada na acção dramatica da *Sonata de Kreutzer*.

Mas além d'isto, a **Felicidade Conjugal** tem ainda o sensacional valor de ser até certo ponto uma autobiographia. Tolstói descreve ali um sentimento muito vivo por Sophia Andrévina Bers, filha de um medico de Moscou. Tolstói tinha então trinta annos e Sophia apenas dezessete. O grande evangellizador julgava essa differença de edades muito grande e, apesar d'esse sentimento ser partilhado, reputava o casamento uma infelicidade, prevenido *a priori* que Sophia mais cedo ou tarde viria a apaixonar-se por um rapaz que não tivesse ainda *estado*, como elle.

Com esse drama todo intimo tecou elle a acção da **Felicidade Conjugal**, titulo que Tolstói atrai com a ironia de um desespero.

Basta saber que Tolstói vem em 1862 a desposar Sophia Andrévina, a heroína d'este romance, para se presentir o que seja lida uma d'essas paginas da **Felicidade Conjugal**, cujo enredo é tecido com o amor, isto é, o proprio sangue, a propria alma affectiva e abnegada de Tolstói.

LÉON TOLSTOÏ

A Felicidade Conjugal

(NO PRÉLO)

Traduzido por

JOAQUIM LEITÃO

XX

Para se bater com as obras que, sobre os caracteres humanos, deixaram no rogado da gloria universal, Perez, Fougilé, Teofrasto e La Bruyère, tornava-se forçoso que á audacia o escriptor juntasse o complexo material que a observação moderna requer, sobretudo observação tão subtil como é esta da alma humana, n'este seculo de civilisações complicadas que refinaram a hypocrisia e exaggeraram as doanças.

Esse escriptor só a Italia o podia dar, a Italia cujo segredo de analyse e o genio da psychologia parece ser a transformação sobrevivente dos ataques elegantes que a espada italiana feria nas sombras do seculo xvii.

E esse escriptor só podia ser Piólo Mantegazza, cujo estylo parece trabalhar com a destreza de um florete que layrresse, embebido em essências, galanterias na teia flexil de uma espuma.

E' com a mesma penna que escreveu o *Problema do casamento*, a *Fisiologia da mulher*, o *Amor dos homens* e a *Hygiene do amor*, que Mantegazza nos offereceu o seu estudo dos **Caracteres Humanos**.

Ninguém tem, como elle, ao seu serviço, os mais superiores dotes de observador e um methodo experimental com que vem illustrando a sciencia e a litteratura italianas, o que faz com que quem ler os **Caracteres Humanos** fique habilitado a descobrir todos os alcapões tenebrosos da alma humana.

Caracteres Humanos

(NO PRÉLO)

Vertido directamente do italiano

com

auctorisação expressa do auctor